

Entrevista

Walter Omar Kohan é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq e da FAPERJ. Doutor em filosofia pela Universidad Iberoamericana, foi presidente do Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com Crianças (ICPIC) e coordenador do GT da ANPOF “Filosofar e ensinar a filosofar”. É autor de inúmeros artigos e livros sobre ensino de filosofia, infância e filosofia da educação, dentre os quais destacamos *Childhood, Education and Philosophy: Notes on Deterritorialisation* (Journal of Philosophy of Education, 2011), *A escola pública aposta no pensamento* (Autêntica, 2012, organizado com Beatriz Fabiana Olarieta) e *Infância: Entre educação e filosofia* (Autêntica, 2003). Desde 2007, coordena o projeto de extensão “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”.

Ensaio Filosófico: em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer-lhe por nos conceder esta entrevista. O senhor poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e filosófica? Como foi seu primeiro contato com a filosofia, seu percurso na universidade, os livros e artigos que são grandes referências para os estudantes no processo de formação e de ensino da filosofia.

Walter Kohan: também agradeço a vocês pela oportunidade de pensarmos juntos o que nos interessa. O primeiro livro de filosofia “dos filósofos” que li foi *O Anticristo* de Nietzsche, mas, formalmente, filosofia é meu segundo curso; antes me formei na Faculdade de Ciências Econômicas. As duas graduações foram na Universidade de Buenos Aires. Depois fiz meu doutorado orientado por Matthew Lipman para pensar a relação entre infância e filosofia. Anos depois, realizei um pós-doutorado em Paris VIII estudando a posição do professor a partir da figura de Sócrates. A época em que estudei filosofia em Buenos Aires era a do retorno da democracia. Havia muito entusiasmo, o ingresso era (ainda é!) livre e entramos como 500 estudantes naquele ano. As aulas eram lotadas, tínhamos que chegar cedo porque, senão, sentaríamos no chão ou do lado de fora da sala. Claro que depois uma proporção reduzida terminava e conseguia “viver da filosofia”, mas a efervescência no curso era notável. Tinham voltado professores do exílio e desde os primeiros anos eu me apaixonei por um deles, um especialista em filosofia antiga, Conrado Eggers Lan, quem transmitia uma paixão particular e

conseguia tornar interessante tudo que estudava. Ele vivia com muita paixão também a tarefa de ensinar e me introduziu não só no mundo da filosofia acadêmica, rigorosa, mas também no mundo da docência apaixonada. E olhando para mim mesmo atualmente, parece que aprendi melhor o segundo do que o primeiro (rs), o que me gera mais incômodo que regozijo. Estudei também grego com um grupo maravilhoso de professores apaixonantes e apaixonados pelo que faziam, coordenados por Lorenzo Mascialino e Victoria Juliá. Ensinavam a se apaixonar pela língua e a cultura grega. E, desde os primeiros anos do curso, comecei a trabalhar como professor assistente de filosofia antiga. Já tinha me formado quando conheci e me apaixonei pelo programa de “filosofia para crianças” criado por Matthew Lipman. Estudei e trabalhei com ele e aprendi, junto a ele, uma outra forma de pensar e viver a filosofia. Tinha terminado meu doutorado quando recebi uma proposta para trabalhar um ano como professor visitante na Universidade de Brasília. Era o ano de 1997. Antes de passar o ano já tinha feito concurso e impulsionado um projeto “Filosofia na Escola”, de práticas com crianças e formação de professores em algumas escolas públicas do Plano Piloto e algumas cidades satélites. Em 2002 fiz concurso para professor titular de filosofia da educação da UERJ, onde trabalho até o presente. Relendo esta resposta percebo quantas vezes utilizei o termo “paixão”. Pode parecer exagerado e repetitivo mas prefiro deixá-lo dessa forma para destacar algo essencial que a filosofia carrega no seu próprio nome (*philos*) e que muitas vezes parece abandonado pelos filósofos “profissionais”. Ainda levo comigo essa marca: sem paixão não há filosofia.

Ensaio Filosófico: Em 2003, o senhor coordenou um mapeamento das condições do ensino de filosofia no Brasil a partir de um questionário da UNESCO, publicando no ano seguinte o texto “O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais”. Atualmente, o senhor tem voltado seu trabalho mais para a dimensão filosófica da educação. Quais os limites dessa dimensão? Quais as relações fundamentais, na atualidade, entre filosofia e educação na filosofia da educação?

Walter Kohan: As relações entre educação e filosofia são extraordinárias e complexas. Tanto que, num sentido, no seu nascimento grego, com Sócrates, a filosofia se mostra na *polis* na forma de uma vida educadora. É de fato muito difícil distinguir nessa figura mítica o filósofo, o educador, o professor de filosofia. Justamente, uma das acusações

contra Sócrates é educacional-política (corromper os jovens) e sua defesa é identificar a acusação contra ele como uma acusação contra “os que filosofam”. De modo que, pelo menos na sua vida, a filosofia sem sua projeção educacional não é nada... E o caso de Sócrates se repete uma e outra vez. Claro que as coisas hoje são um pouco diferentes. A filosofia e a educação são vistas como duas disciplinas diferentes, e alguns até consideram que a filosofia não tem qualquer relação especial ou específica com a educação. Os filósofos miram ou pouco à distância e de cima para baixo a educação. Discordo profundamente. Ainda penso que a filosofia sem sua projeção educacional perde muito do seu sentido. Certamente, há muitas maneiras de se pensar essa relação: a filosofia de, na, entre, a partir da (as preposições poderiam ser muitas aqui) educação, seja privilegiando o aspecto experimental ou teórico da filosofia. No meu caso, direcionei meu trabalho para afirmar uma filosofia como experiência educativa de pensar ou uma prática educacional atenta à sua dimensão filosófica. Tento fazer isso nas três dimensões de meu trabalho como professor de uma universidade pública: no ensino, na pesquisa, na extensão. Nos três casos tenho concentrado meu trabalho em torno das relações entre infância, educação e filosofia, em torno do Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Em poucas palavras: pensar filosoficamente, com outros, questões educacionais para afetar pensamentos, existências, vidas...

Ensaios Filosóficos: O senhor tem uma vasta experiência com pesquisa sobre filosofia na infância. Nesse sentido, gostaríamos que falasse sobre a importância do ensino de filosofia para crianças e que tipo de resultados (se for possível falar de resultados) podem ser vislumbrados.

Walter Kohan: Sim, interesse-me muito pelas relações entre filosofia e infância. Essas relações são muito complexas e a prática da filosofia na infância é apenas uma forma delas. Nesse âmbito há também que se pensar o que se entende por infância, se uma categoria cronológica, uma faixa etária, uma etapa da vida ou uma dimensão temporal não necessariamente associada ao número de anos que se tem. Assim, pode-se encontrar muita infância fora das crianças e muitas crianças sem infância. Em todo caso, nós trabalhamos a filosofia em muitas idades, desde crianças pequenas até jovens e adultos em particular com aqueles que frequentam a escola no período noturno para se

alfabetizar. Por que é importante praticar a filosofia na infância? A filosofia e a infância compartilham muitas coisas: como sugere J.-F. Lyotard (“Memorial sobre o curso de Filosofia”. In: *O pós-moderno explicado às crianças*), a filosofia é uma espécie de “infância do pensamento”, ou seja, uma infinita potência de começar a pensar uma e outra vez no próprio pensamento. Na filosofia estamos numa sorte de infância, buscando e afirmando inícios para pensar cada vez que nos perguntamos o que perguntamos. Na filosofia a infância é uma exigência: “pensar sem pressupostos”, uma exigência necessária e impossível ao mesmo tempo, a de habitar, cada vez que pensamos, a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo, como se nunca tivéssemos pensado, como se estivéssemos pensando, cada vez que pensamos, pela primeira vez. Quando se habita a infância mais literal, a dos primeiros anos, esse exercício, em tese, é mais “direto”, “claro”, “imediato” (as palavras aqui são muito difíceis, estou tentado a dizer “natural”, embora seja uma palavra muito problemática). E esse encontro pode dar uma potência, energia e alegria singular ao pensamento e à vida. Quando se tem deixado há muito tempo a infância cronológica, a dos primeiros anos, o encontro com a filosofia pode ser um renascimento de si no pensamento, uma descoberta do que somos capazes de pensar cada vez que habitamos a infância do pensamento. Quando esse encontro se faz coletivamente, quando se experimenta o pensar com outros, então as possibilidades da filosofia se multiplicam em termos do que ela pode provocar nos que a habitam. E com a infância do pensamento aprendemos também outras infâncias: por exemplo, uma relação de escuta, atenção e cuidado com pensamentos outros e com outros no pensamento. É isso importante?

Ensaio Filosófico: De Heráclito a Deleuze, passando por Platão, Rousseau e Marx, a criança sempre fez parte da história da filosofia. No entanto, poderíamos arriscar dizer que apenas Heráclito e Deleuze compreenderam a potencialidade da criança, uma vez que autores como Kant, entre outros, tenham procurado neutralizar as forças da criança por meio da educação, partindo de um discurso de libertação e emancipação? Pensar as relações entre infância e filosofia exige que se reconsidere radicalmente estas noções?

Walter Kohan: É sempre um pouco delicado julgar um filósofo e mais ainda fazê-lo de uma forma superficial como só poderíamos fazer numa entrevista como esta. De modo que prefiro não o fazer. De qualquer forma, penso que muitos outros filósofos, além de

Heráclito e Deleuze, “compreenderam a potencialidade da criança” como vocês arriscam. É claro que a tradição contrária domina, mas há muitos mais nomes do lado das crianças em todas as épocas da filosofia. Só para dar alguns exemplos de visões afirmativas da criança e do papel da filosofia na sua educação, basta pensar em Montaigne entre os europeus e Simón Rodríguez entre os americanos. E certamente há um espaço próximo também em outras tradições. É também arriscado dizer que autores como Kant “tenham procurado neutralizar as forças da criança por meio da educação”. Talvez não esteja entendendo bem a pergunta de vocês, mas mesmo estando muito longe de ser um amante de Kant não me parece uma maneira adequada de apresentar suas “intenções” filosóficas. De qualquer forma, mais interessante do que discutir sobre nomes a favor ou contra me resulta a sua última pergunta, porque acredito que sim, pensar as relações entre filosofia e infância exige repensar uma e outra radicalmente. Afinal, estamos fazendo filosofia e não há como não ir até o final, ou até o princípio: o que é a infância? O que é a filosofia? Como pensá-las como se fosse a primeira vez, como se nunca as tivéssemos pensado? O exercício é infinito. Só tem início. Só tem infância. Pessoalmente, tenho procurado encontrar interlocutores propícios à infância, e estabelecer com eles uma relação também infantil. Vocês já podem imaginar as reações que isso tem gerado entre os nobres donos da tradição filosófica.

Ensaio Filosófico: mas, uma vez que Kant restrinja a criança de sua relação com a natureza, com as paixões do corpo, determinando o uso da razão enquanto caminho para a fundamentação moral, sendo esta última a condição de tornar o homem livre, não seria, por exemplo, um meio de neutralização das potências naturais da criança, como já foi apontado anteriormente por Rousseau?

Walter Kohan: Sim, pode ser lido dessa maneira, claro...mas também poderia ser lido de maneira contrária, como tendo pensado um caminho necessário para desenvolver o potencial das crianças. Claro que eu não compartilharia essa leitura, mas quero dizer que, como tudo em filosofia, as coisas não são tão simples. Inclusive a leitura que me oferece não é uma leitura sem problemas: o que seriam as “potências naturais” da criança? Por que pensar a criança como alguém “em potência”? Enfim, poderíamos dizer que Kant é mais um nome entre os que pensam a educação desde a lógica da formação das crianças e penso que há outras maneiras mais interessantes de pensar essa

relação. A própria ideia de formação é problemática. De modo que não quero que entendas que estou defendendo o que Kant afirma. Mas penso que se trata de revisar a fundo como pensamos a relação entre educação e infância, como pensamos as crianças como sujeitos em certo modo passivos de nossas boas intenções educacionais mesmo em discursos que podem afirmar a “potência da infância”. A educação não necessariamente precisa ser pensada como aquilo que permite desenvolver as potências da criança, ou que faz com que a criança se torna o que nós pensamos que seria interessante que se torne. Um desafio interessante é pensar desde outra lógica a relação entre educação e crianças / infância.

Ensaio Filosófico: O senhor coordena o projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?” Como pensar o ensino de filosofia a partir dos contextos sócio-políticos, econômicos e culturais em que os indivíduos estão inseridos? Como pensar esse ensino para além da tradicional reprodução de uma cultura filosófica elitista e totalizadora?

Walter Kohan: É uma pergunta interessante, difícil. Acredito que a filosofia é um saber sem condições. No projeto, partimos do princípio de *O mestre ignorante*: todos somos igualmente capazes de pensar. Basta acreditar nisso para poder filosofar com qualquer um, de verdade, de igual para igual, sem importar sua idade, gênero, classe social, se está dentro ou fora da universidade, dentro ou fora da escola. Quem parte do contrário, colocando condições para filosofar, na verdade limita e condiciona a própria filosofia, porque não há como filosofar com quem se considera um inferior ou superior. Só se pensa de verdade com um igual. Pensa-se pelos inferiores ou aprende-se do que pensam os superiores, mas não se pensa junto com uns e outros. Desse modo, a cultura filosófica elitista, dominante como ela é, num sentido, cai na sua própria rede e quem ensina desde essa lógica não ensina outra coisa do que uma impotência do pensamento. Ela pode ser muito sofisticada, nobre, elaborada, mas de forma alguma interessante na sua projeção (anti) educadora. Nosso projeto pressupõe o contrário, uma filosofia antielitista, um pensamento sem elite. Também não temos uma pretensão totalizadora. Não sei se entendo o que querem dizer com isso, mas a filosofia tal e como a entendemos tem uma pretensão de ser, digamos, des-colonizadora... um exercício permanente do pensamento por tentar liberar o próprio pensamento daquilo que o domina, que não lhe deixa se

expressar ou que o sujeita a formas que sequer pensou, é uma espécie de caminho contrário à totalização...